

GRANDEZA E DECADÊNCIA DO BIGODE (*)
(ESTUDO DE MORFOLOGIA E DE ETNOGRAFIA)

POR

J. A. PIRES DE LIMA
Director do Instituto de Anatomia do Pôrto



R.142089

SEPARATA DE
« A MEDICINA CONTEMPORANEA »
N.ºs 5 e 6 de 4 e 11 de Fevereiro de 1940

1940
CENTRO TIPOGRÁFICO COLONIAL
27, L. Rafael Bordalo Pinheiro, 28
LISBOA

L 12518 16

Assistimos, neste século, a grandes transformações de todo o género : derruiu o parlamentarismo, surgiram e desapareceram nações, de forma brusca, desconhecida dos tempos antigos.

Basta algumas semanas para que se produzam factos que, outrora, levavam séculos a desenvolver-se.

Na minha qualidade de anatómico e de amator de coisas de etnografia, impressionou-me um facto, aparentemente insignificante, mas que, no meu espírito de morfologista, fez grande impressão : foi a súbita mudança da fisionomia masculina, com a supressão da barba.

Quando veio a moda da barba rapada, fiquei tão perturbado, que não podia reconhecer os meus alunos, na aula, todos iguais, de face escanhoada, como se adoptassem o uniforme duma confraria.

Dizia um meu velho professor : «Tudo é importante neste mundo, desde a queda dum átomo à queda duma república».

Permiti-me, pois, que, em breves palavras, me ocupe da derrocada do sistema capilar.

Há seis meses, dizem as «Lettres Persanes» (1), há seis meses que percorro a Espanha e Portugal e convivo com povos que, desprezando todos os outros, só aos Franceses dão a honra de odiar.

A gravidade é o character brilhante das duas nações ; manifesta-se principalmente de duas maneiras : pelos óculos e pelo bigode.

Os óculos demonstram que quem os usa é homem consumado nas ciências, mergulhado em profundas leituras a tal ponto que enfraqueceu a vista ; nariz carregado com semelhante ornato é, sem dúvida, o nariz dum sábio.

(*) Conferência nos «Estudos Portugueses» da Câmara Municipal do Pôrto, 16-II-940.

(1) Montesquieu — Lettres persanes.

Quanto ao bigode, êsse é respeitável por si próprio, e independentemente das consequências».

A-pesar-disso, acrescenta Montesquieu, grandes utilidades podem tirar-se dêle, para o serviço do príncipe e para honra da nação.

E cita, um tanto romanceado, o episódio de D. João de Castro, que empenhou as barbas, a fim de obter dinheiro para a reedificação de Diu.

O sábio Professor Leite de Vasconcelos (1) publicou um longo estudo de etnografia comparativa àcerca da barba em Portugal. Bem avisado andou êle, colhendo a tempo elementos para a sua curiosa obra. Se deixasse para agora êsse trabalho, não poderia obtê-los, porque as honradas barbas dos Portugueses passaram à história.

Hoje poderia escrever-se um volume intitulado «A falta de barba nos Portugueses». E, como o povo costumava dizer — «quem não tem barba, não tem vergonha», também podia chamar-se ao livro, maliciosamente, «A falta de vergonha em Portugal».

No século áureo da nossa história, jurava-se pelas barbas honradas e não havia consideração por quem não as tivesse bem espessas, como pode ver-se no diálogo entre Pero Vaz e Vasco Afonso, a respeito do fidalgo arruinado da *Farsa dos Almocreves*, de Gil Vicente :

«Êle pôs desta maneira
A mão na barba e me jurou
De meus dinheiros pagá-los.
— Essa barba era inteira
A mesma em que te jurou,
Ou bigodezinhos ralos?»

Após a batalha de Aljubarrota, El-Rei de Castela, depois da tremenda derrota, fugiu espavorido e, como *homem tresvaliado*, maldizia o seu viver e jurava pelas barbas (2).

Estudando a barba sob o ponto de vista antropológico, Leite de Vasconcelos diz-nos que ela é um caracter sexual

(1) *Leite de Vasconcelos* — A barba em Portugal, Lisboa, 1925.

(2) *Fernão Lopes* — Crónica de El-Rei D. João I.

secundário progressivo, pois as raças inferiores são glabras ou possuem barba rudimentar. Observando dezenas de alunos dos liceus de Lisboa, o sábio etnógrafo verificou que os estudantinhos mostravam, em regra, desde os treze anos, breve penugem, começando a barbear-se pouco depois.

Faz-nos lembrar o «cântico» de Mendes Leal, intitulado «Recordação», que as selectas do meu tempo divulgaram :

Ao fazer quinze anos um rapaz, seu tio considerava-o «quási um homem já» e o sobrinho pensava :

«Julguei, nesta oração tôda,
Que o tal *quási* sobejava
E sondei o beicho em roda
A ver se o buço apontava».

Outrora os rapazes esperavam com grande ansiedade o aparecer da barba e, em graciosas cantigas, como esta, era anotado o facto :

«Estes rapazes de agora,
Franganitos de vintem,
Prometem dez réis às almas,
A ver se a barba lhes vem...»

Era tradicional, entre nós, o uso de grandes barbas, e parece que já os primitivos Lusitanos apreciavam êsse adôrno capilar, segundo refere Camões (1) :

«Na primeira figura se detinha
O Catual que vira estar pintada,
Que por divisa um ramo na mão tinha,
A barba branca, longa e penteada.
Quem era e por que causa lhe convinha
A divisa que tem nas mãos tomada ?
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sábio lhe interpreta :

(1) Os Lusíadas de *Luis de Camões*, Canto oitavo.

Estas figuras tôdas que aparecem,
Bravos em vista e feros nos aspectos,
Mais bravos e mais feros se conhecem,
Pela fama, nas obras e nos feitos.
Antigos são, mas inda resplandecem
Co' o nome, entre os engenhos mais perfeitos.
Este que vês, é Luso, donde a Fama
O nosso Reino Lusitânia chama».

Efectivamente, em estátuas lusitanas, nota-se que, já nos tempos prè-históricos e proto-históricos, se usava a barba crescida, na Península Ibérica.

Alude Leite de Vasconcelos, no capítulo II da sua obra, a *feitura da barba*, às mulheres que exercem a profissão de barbeiro na Suécia e na Alemanha. Também na Bélgica existem barbeiras, assim como antigamente na Espanha, como ficou documentado num *capricho* de Goya.

Certo dia entrei numa loja de barbeiro em Liège e sentei-me à espera de vez. Vários oficiais serviam os fregueses e, na mesma sala, uma rapariga ondulava o cabelo a uma senhora.

Terminado o serviço, retirou-se a dama e, como julgasse que aquela cadeira era reservada para pessoas do sexo feminino, não me levantei.

Foi preciso avisarem-me que tinha chegado a minha vez, para ter a sensação de ser barbeado por mãos de mulher.

Não falta quem se assuste diante da navalha do barbeiro, a-pesar-da aliciante pergunta que êle faz sistemáticamente: — «A navalha incomoda?» — O mesmo dizem os barbeiros franceses, ao iniciar a operação: «*Fait mal?*»

Conta Cícero (1) que havia no seu tempo um certo Dionísio, que receava de tal modo as agressivas armas tonsurantes, que preferia chamoscar as próprias barbas com uma brasa a arder (*candenti carbone sibi adurebat capillum*). Como viveria hoje feliz o tímido romano, applicando a libertadora *gillette*!

São variadíssimas as formas da barba, assunto que Leite de Vasconcelos trata no Cap. III da sua obra tão curiosa.

(1) *De officiis*. II-VII.

Lembro-me da opinião do saúdoso Professor Gonçalo Sampaio, que ora usava a barba completamente rapada, ou tôda inteira, sem o menor artificio. O grande botânico não admitia que a barba se distribuisse em pequenos canteiros, como os dos jardins...

Em fins do Século XIX, tôda a gente usava barba, das mais variadas formas : só os padres, os actores e os cocheiros a rapavam.

Leite de Vasconcelos apresenta exemplos da barba cerada, barba à *Guise*, barba à Cristo, da barba à-passa-piolho, como a de Garrett.

Fala das suíças e dos tacões, que adornaram outrora as bochechas de grandes personagens, e dos imponentes bigodes, de aspectos variadíssimos, que enchiam de vaidade tantos homens ilustres.

A diminuta mosca e a pêra mais ou menos espessa não são esquecidas, nas suas múltiplas combinações com o bigode e as suíças.

Fala no bigode à *Kaiser*, fartíssimo, com as guias voltadas para cima em ângulo recto, à altura das commissuras labiais. Os seus bicos eram mais ponteagudos que os arrogantes espetos dos capacetes prussianos.

Alude à maneira como se mantinha outrora o aspecto marcial do bigode à *Kaiser* : de noite sustentava-se com uma *bigodeira* (*dresse-moustache* dos Franceses), tira de couro, camurça, ou seda, com fitas que se prendiam nas orelhas.

Também, para o efeito, usavam os barbeiros o ferro de frisar, que, há muito, passou inteiramente de moda, como a tal bigodeira. Um autor do Século XVIII dizia que os nossos antepassados erguiam os bigodes com ferros quentes, operação a que chamavam *levantar o bigode ao ferro*.

Em contraposição ao bigode à *Kaiser*, havia o bigode à chinesa, de guias derrubadas, e ainda o bigode horizontal de pontas enceradas, como o de Napoleão III, e o bigode encaracolado, como o do saúdoso Rei D. Carlos.

Farei ainda menção dum aspecto da barba, que supponho nunca ter sido usado no nosso país : é a expansão do bigode à custa das suíças. Assim o ostentavam alguns reis da dinastia de Saboia, antepassados do actual soberano da Itália. Como é sabido, Vitor Manuel II acrescentava a

seu fartíssimo bigode duas mechas enormes de pêlos das bochechas.

«Em estética da barba, diz Leite de Vasconcelos, militares e monarcas dão com freqüência a norma, pela atracção que resulta do garbo e do fulgor histórico».

Tem tido grandes vicissitudes a moda dos adôrnos capilares. No Século XVIII, depois de D. Pedro II, usou-se muito a cara rapada, compensando-se a falta de barba com o emprêgo de grandiosas cabeleiras postiças.

Ao Século seguinte corresponde a renascença da barba, que tomou aspectos extrêmamente variados. Em geral, cada classe da sociedade usava forma especial de barba. Em certa época, todos os militares tinham bigode, e os da Guarda Municipal ostentavam, uniformemente, bigode e pêra.

As suíças eram características dos camponeses. Recordo-me do escândalo que se levantou na minha terra, há cerca de meio século, quando se celebrou o casamento duma lavradeira com um rapaz, de fora da terra, que, a-pesar-de ser da mesma profissão, tinha a audácia de usar bigode...

Há quinze anos dizia Leite de Vasconcelos (1) : «Actualmente é raro encontrar na capital uma pessoa nova, da classe civil, que não use bigode pleno, bigode americano, ou cara rapada, freqüentemente, porém, com patilha.

O bigode pleno predomina no povo, por exemplo, serviçais, vendedores de cautelas, revisores de eléctricos, operários, policías.

Barba tôda ou pelo menos barba abundante, só gente de idade ou gente pobre. Há grupos especiais, também com moda especial : por exemplo actores, toureiros, cocheiros — todos de cara rapada».

Nos Açôres, por moda (que é sempre tirânica, vai-se propagando o uso de rapar a barba, e também o de trazer bigodito à americana. Do bigode americano, conclue o sábio etnógrafo, é por vezes sucedâneo o de Charlot, tão cercado, tão microscópico, tão mísero, que, em comparação dos que imponentemente adornam os retratos de um Sal-

(1) Leite de Vasconcelos — *loc. cit.*

danha ou de um Bismarck, até parece que rebaixa a dignidade humana. Mais valia não usar nada !

Mal imaginaria Leite de Vasconcelos, ao escrever estas linhas, que, poucos anos depois, se daria a derrocada total do bigode.

Dentro de quinze anos, acentuou-se a sua decadência e verificou-se o seu completo desmantelamento.

Generalizou-se a moda da cara rapada, à americana ou à inglesa, e os que não quiseram fazer cair completamente o arrogante adorno capilar, começaram a ataca-lo por todos os lados. Foi uma verdadeira revolução.

Primeiro, talharam horizontalmente os pêlos que ultrapassassem o bôrdo da mucosa do lábio superior. Ficaram os homens com os lábios em ectrópio, que lembram os beijos dos pretos. Essa primeira falta de respeito foi o sinal para novos assaltos à integridade do bigode. Antigamente, era intangível : dizia, comovido, o meu velho barbeiro, que não era permitido outrora cortar-lhe nem sequer um pêlo !

Depois amputaram-lhe as guias e, pouco a pouco, foram-no suprimindo, de fora para dentro, até o reduzirem à ridícula proporção do bigode à *Charlot* ou à *Hitler* : uma simples mecha de pêlos, limitada ao filtro, goteira média do lábio superior, que vai da cartilagem do sub-septo ao tubérculo do beijo.

Com efeito, é nas extremidades distais do bigode que o furor anti-tricósico é mais encarniçado.

No «Gringoire», o grande hebdomadário parisiense, político e literário, de 12-X-39, encontrei uma vigorosa e significativa caricatura de Rip, a qual representa, no mesmo desenho, as enérgicas máscaras do *Kaiser* e de *Hitler* ; dum lado, Guilherme II, de cabelo erguido, façanhudo bigode arrebitado, farda militar com a cruz de ferro, sulco naso-genal mais acentuado ; do outro o *Führer*, de melenas caídas, minúsculo bigode à *Charlot*, casaco democrático adornado com a suástica. (Fig. 1)

Os que não teem coragem para suprimir completamente o bigode, rapam-no por igual, deixando apenas uma sombra ou espectro do antigo e opulento adorno capilar. Outros ainda espontam-no à tesoura, deixando-o como as acácias das ruas do Pôrto depois da poda, ou com o aspecto de uma escôva de dentes, de pêlos agressivamente eriçados, como os cães denominados de pêlo de arame.

Falta mencionar uma das últimas e mais extravagantes fantasias da moda que decretou a demolição do bigode.

Em vez de o atacar dos cantos para a linha média, a navalha do barbeiro invade-lhe os bordos superior e inferior, reduzindo-o a ténue fio, parecido com as sobranceiras das raparigas da época. Parece-me que esgotou a fantasia da moda a modalidade, que se vai generalizando, e



Fig. 1

que chamarei em forma de triângulo ou antes de trapézio isósceles, cujos lados iguais vão simetricamente desde a asa do nariz à comissura dos lábios. Esses lados, na última moda, em que há influência do *Cinema*, são curvos, de concavidade voltada para cima.

Quando não é mais ou menos tosquiado como a relva dos jardins, a mutilação pode fazer-se, pois, das extremi-

dades distais para dentro, ou a partir dos bordos, e o bigode pode ser talhado horizontal, vertical ou obliquamente.

Vi há pouco mais duas formas do torturado bigode : num dêles estava reduzido o mísero a duas vírgulas deitadas, encostadas na linha média pela parte mais grossa. E observei também bigodes rapados até meio e com grossas guias encaracoladas, que rompiam, de um lado e do outro, por baixo das asas do nariz.

Serão possíveis outras fantasias inéditas ?

Que triste destino o do imponente adôrno, tão caro aos portugueses de antanho, e que Montesquieu considerava respeitável por si próprio !

A revolução da moda fez perder tôda a consideração pela sua antiga magestade.

Sic transit gloria mundi !

Lembro-me dum negociante de Matozinhos que, não contente com os lustrosos e bem cuidados bigodes, penteava também e acariciava as suas frondosas sobrancelhas hipertrícicas. Chamavam graciosamente a êste indivíduo o «Pedro bis-bigodes», por ter aparência de possuir duplo bigode.

Em contraposição a êste, citarei também o caso de um estudante, que passou pelo percalço de ver cair, por motivo de doença, metade do seu bigode e que, por isso, adquiriu a alcunha de «Gode».

É deveras curioso notar como, em poucos anos, se transformou a fisionomia dos homens, que não hesitaram em sacrificar à moda o ornamento capilar, ao qual estava ligado tão alto simbolismo.

Com que ansiedade a rapaziada do meu tempo puxava pelas guias do buço, para que êle crescesse depressa, e com que presteza entregavam a cara ao barbeiro, rapando, desde a puberdade, os ténues pêlos, para que êles se multiplicassem e depressa engrossassem e, dêste modo, o adolescente expusesse o seu *projecto* !

Há quarenta anos, até os rapazes que se destinavam à vida eclesiástica tinham orgulho em ostentar o seu bigodito antes da entrada no seminário, sacrificando, nessa altura, essa manifestação de vaidade, com a mesma emoção com que às noviças cortavam as tranças exuberantes ao entrar no convento. (Fig. 2)

Desapareceu o prestígio das barbas honradas e parece

que o rapazinho imberbe não tem, hoje em dia, pressa nenhuma de mostrar quaisquer sinais de virilidade...

Passou-se de um extremo ao outro : enquanto outrora se julgava que a barba enobrecia o rosto masculino, hoje consideram-se os pêlos da cara uma coisa fátua, indigna quasi da fisionomia humana.

Já tenho visto gaiatos de ambos os sexos dirigirem remoques na rua a alguns velhotes, que teimam em manter a antiga tradição, conservando barba na cara.

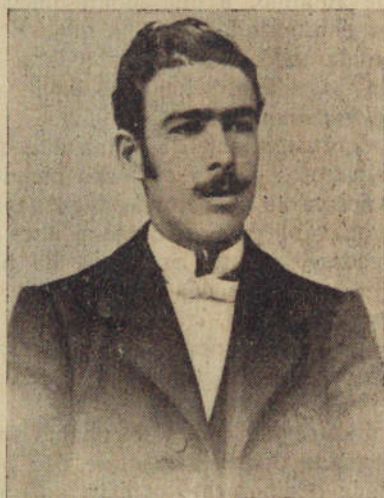


Fig. 2

E uma vez, no estrangeiro, num congresso de Anatomia, ao ver entrar na sala um colega de barbas frondosas, perguntei quem era. E o congressista vizinho, querendo insinuar malèvolamente a falta de relêvo científico do barbudo anatómico, respondeu-me, com irónico desdém : — «*C'est une barbe*».

Como é sabido, o grande Afonso de Albuquerque usava comprida barba, que lhe chegava até à cinta. Terminava em aguda ponta, onde o genial fundador do Império da Índia prendia, amorosamente, um lacinho.

Confronte-se o caso com as longuíssimas barbas dum conceituado músico da velha Guarda Municipal do Pôrto, (Fig. 3) o qual as agasalhava no seio, abotoando a farda por diante delas. Chamava-se António Joseph Ferreira Maudslay o músico barbilongo, que se intitulava «professor de música e de canto litúrgico, inscrito, condecorado por



Fig. 3

sua S. M. F. D. Luís I de saudável memória, e premiado com diversas medalhas de mérito».

O Cid Campeador possuía uma longa barba branca e o célebre Romancero (1) assim se refere a um desacato que

(1) Romancero del Cid, 109.

lhe quis fazer um judeu, o qual valeu a êste um grande susto :

«En Sant Pédro de Cordeña
Está el Cid embalsamado,
El vencedor no vencido
De moros ni de cristianos.
Por mando del rey Alfonso
En su escaño está asentado,
Su noble y fuerte persona
De vestidos arreados
Descubierto tiene el rostro
De grand gravedad dotado,
Su blanca barba crecida
Como de hombre estimado

.....
Estando d'esta manera
Um judio habia llegado ;
Cuidando estaba entre si
D'esta suerte razonando :
— Este es el cuerpo del Cid
Por todos tam alabado,
Y dicen que en la sua vida
Nadie à su barba ha llegado.

Quiero yo asirle d'ella
Y tomarla en la mi mano.
Que pues aqui yace muerto,
Por el no será excusado.
Yo quiero ver que fará,
Sí me pondrá algun espanto. —
Tendió la mano el judio
Para hacer lo que ha pensado,
Y antes que á la barba llegue,
El buen Cid habia empuñado
A la sua espada Tizona,
Y un palmo la habia sacado.
El judio que esto vido
Muy gran pavor ha cobrado :
Tendido cayó de espaldas,
Amortecido de espanto.»

Já não há motivo para dançar o jôgo de roda, registado pelo P. Firmino Martins (1), em que os adolescentes de Trás-os-Montes cantavam as graciosas quadras :

«A azeitona miüdinha
que mal se pode colhêr ;
homem que não tem barba,
que vergonha pode ter ?

Vira de lado,
Vira do outro,
nas minhas costas
namora outro.

O marmelo é boa fruta
nasce da ponta da vara ;
homem que raspa o bigode
não tem vergonha na cara.»

No cancionero algarvio, de Abel Viana, em publicação no «Diário do Alentejo», encontram-se várias quadras semelhantes, tais como :

1312 — «Oliveira pequenina
Que azeite pode render ?
Homem de pouca barba
Que palavra pode ter ?»

Confronte-se com o passo vicentino atrás citado (Pág. 4).

1313 — «Todo o moço que é bonito
No andar é conhecido :
Um chapeuzinho ao lado
E o bigode *retrocido*.»

A-pesar-da sua decadência, o prestígio do bigode ainda se mantém no povo de tôdas as províncias portuguesas.

(1) P. Firmino A. Martins — Folklore do concelho de Vinhais, 2.º vol. Lisboa, 1939.

E não será para admirar que os marciais bigodes renasçam, qualquer dia, das próprias cinzas. Assim vai acontecendo às cabeleiras femininas, depois de passada a delirante moda do cabelo à *garçonne*.

As senhoras vão deixando, a medo, crescer o cabelo : há pouco descia até à parte inferior da nuca e hoje vai já até às espáduas. Não tardará muito que as damas se pareçam outra vez com a *formosíssima* rainha de Castela, filha do nosso D. Afonso IV, que, ao visitar o pai,

«os cabelos angélicos trazia
pelos ebúrneos ombros espalhados.» (1)

Nos tempos de agora, são raros e quasi heróicos os indivíduos que conservam as barbas, com o esplendor antigo.

Quando acontece cruzar-se na rua com uma pessoa dessas, quasi me dá vontade de reclamar protecção contra a tesoura dos barbeiros, solicitando que as barbas frondosas sejam consideradas património do Estado, como os monumentos nacionais e as árvores notáveis...

Para terminar, vou reproduzir uma anedota, que me contaram aqui no Pôrto, e que tem certa relação com este assunto.

Havia em Coimbra um homem, já passante dos quarenta anos, que começou a sofrer muito do estômago. Consultou vários clínicos e ouviu até algumas sumidades especializadas na gastrologia.

Por mais drogas que tomasse e por mais severa que fôsse a dieta a que se sujeitava, continuavam as dores do estômago a importuná-lo cada vez mais aflitivamente.

Então, aconselhou um amigo : — porque não vais consultar o Dr. Elísio de Moura ? O Dr. Elísio de Moura, replicou o doente, então você julga que eu estou maluco ? !

Vão-se passando os dias e o doente sente-se cada vez pior.

Alarmado, decide-se, por fim, a ir consultar o Dr. Elísio de Moura.

O illustre psiquiatra recebeu-o aborrecido e disse-lhe que

(1) Lusíadas, Canto III.

não batera a boa porta, pois nunca se dedicara à clínica das doenças do estômago.

Mas, depois de muito solicitado, ouviu o doente com paciência e, no fim da consulta, desfechou-lhe o seguinte conselho : — Olhe, vá para casa, e rape o bigode !

O bom do paciente foi-se embora, e, desolado, disse à mulher :

Sempre é verdade que o Dr. Elísio de Moura, à força de lidar com doidos, está tão bom como êles... Então não sabes o que êle me receitou contra os meus males do estômago ? — Que rapasse o bigode !...

Foi passando o tempo e, como as gastralgias se tornassem cada vez mais intensas, como último recurso, e sem a menor esperança, o doente deitou abaixo o bigode. Daí em diante, com grande espanto, verificou que estava curado : comia de tudo, e nunca mais teve o mais leve sofrimento.

Assombrado com o inexplicável resultado, encaminhou-se outra vez para o consultório do Dr. Elísio de Moura, para lhe contar a sua espantosa cura.

— Eu só queria que me dissesse que relação pode ter o bigode com uma doença de estômago. E o eminente psiquiatra, passando os dedos pela frondosa cabeleira, perguntou simplesmente ao doente :

— Que idade tem o senhor ? — «Quarenta e cinco anos». «Ó filhinho, eu notei que o seu cabelo branqueava a olhos vistos e que o bigode se mantinha completamente negro. O senhor pintava-o com uma tintura venenosa e tinha o costume de estar sempre a tocar os pêlos com a língua...»

O cliente, desfazendo-se em agradecimentos, perguntou quanto devia pelo tratamento.

— Se quiser, deixe alguma coisa para o Asilo...

Assim fez o feliz cliente, despedindo-se, alegre e satisfeito, livre para sempre das suas gastralgias e do seu venerando bigode, o qual, para não se mostrar miseravelmente grisalho, tinha de ser tingido todos os dias com uma droga tóxica...

